# Vigésima quinta carta

> **Sumário.** Influência moral dos sinos. — Respeito de nossos pais pelos sinos. — Milagres dos sinos. — Tocam por si mesmos. — Na morte de santo Aleixo. — Na trasladação do corpo de santo Isidoro. — O sino do mosteiro de Bodken. — Outros sinos milagrosos na Espanha. — Na Itália. — Resposta ao incrédulo.

*27 de julho.*

## Meu caro amigo

Amo tanto esse sino que tocou o meu batismo e que tocará o meu trespasse; esse sino que durante a minha vida esteve em todas as minhas alegrias e em todas as minhas dores, que não posso deixá-lo sem dizer-te, para justificar a minha respeitosa afeição, e a feliz influência do sino sobre os costumes públicos, e a profunda veneração de nossos pais pelo sino, e a bondade de Deus que mais de uma vez se dignou glorificar o sino com retumbantes milagres.

*A influência do sino.* Lembremo-nos de que o sino é como o arauto de Deus, colocado entre o céu e a terra, e de que a sua poderosa voz não é uma voz profana, mas sagrada, cujos acentos proclamam ao longe as mais profundas e mais salutares verdades. Pela lembrança retumbante dessas grandes verdades, mais necessárias ao homem que o pão material de que se nutre, que feliz influência deviam exercer sobre os costumes cristãos esses sinos infinitos em número, que outrora não se calavam nem de dia nem de noite!

Voz do mundo sobrenatural, que ressoando sem cessar no seio das cidades, em meio aos campos, nos mosteiros, nas ermidas, até nos bosques e lugares desertos, em toda parte onde a piedade vos semeara com profusão, importunáveis o pecador, alegráveis o justo; levando alternadamente às almas o remorso, o terror, a fé, a gratidão, a tristeza, o ardor do bem e sempre a lembrança moralizadora de nossos destinos futuros.

Só isso, meu caro amigo, basta para explicar-nos o ódio implacável dos maus contra os sinos.

*A veneração de nossos pais.* Bem outros eram os sentimentos de nossos religiosos antepassados. Testemunhas inteligentes das bênçãos e consagrações praticadas pela Igreja no batismo dos sinos, e instruídos dos temíveis mistérios gravados em seus flancos, os sinos lhes inspiravam profundo respeito e santo temor. Daí vem que temiam infinitamente mais jurar sobre um sino consagrado do que sobre os próprios Evangelhos.[1] Tinham razão; o sino consagrado é um instrumento religioso, que merece de nossa parte tanta veneração e honra quanto os próprios vasos sagrados do altar.[2]

*A bondade de Deus.* Era no século V, por volta de 414. O filho de um dos mais nobres senadores de Roma, santo Aleixo, acabava de expirar. Sua vida, profundamente escondida em Deus, fizera desse santo jovem o modelo da mais heroica humildade. Durante dezessete anos, sem ser reconhecido, Deus assim o permitindo, vivera como pobre na casa de seu pai. Mas o Senhor, que exalta aquele que se humilha, quis manifestar da maneira mais miraculosa a glória de seu servo. O sino foi encarregado de proclamá-la.

No momento em que essa alma bem-aventurada deixava a terra, todos os sinos de Roma puseram-se a tocar por si mesmos. Esse fato extraordinário pôs em movimento a cidade inteira, que se dirige ao palácio mortuário. O Sumo Pontífice mesmo ali vem com o clero. O humilde santo é reconhecido pelo que é; lágrimas correm de todos os olhos. Logo da tristeza passa-se à alegria; e jamais triunfo mais brilhante acompanhou a morte de um bem-aventurado.[3]

Um milagre semelhante teve lugar, com o mesmo brilho, na capital da Espanha. Santo Isidoro, padroeiro dos lavradores e, durante a vida, lavrador ele mesmo, morrera havia quatrocentos anos. Em razão dos milagres obtidos por sua intercessão, julgou-se conveniente retirá-lo do túmulo, a fim de dar-lhe uma sepultura mais honrosa. A cerimônia da trasladação ia começar quando os sinos de Madri se puseram a tocar por si mesmos. O milagre foi tão bem constatado que o rei Filipe III o faz valer em sua súplica impressa, dirigida ao papa Clemente VIII, para obter a canonização de santo Isidoro.[4]

Para a glória do sino, o sábio jesuíta Delrio refere um milagre de outro gênero. Escreve:

> *No mosteiro de Bodken, guarda-se respeitosamente um grande sino de bronze, de som belíssimo. E com razão, pois toda vez que uma irmã do mosteiro deve deixar a vida em breve, esse sino, sem auxílio humano, põe-se a tocar fortemente.*[5]

Angelo Rocca, o eruditíssimo bispo de Tagaste, escreve o mesmo do convento dos dominicanos de Palermo.[6] Para ensinar a todos os cristãos que o sino, bento pela Igreja, é coisa misteriosa e sagrada, cujo som deve sempre despertar em nossa alma um pensamento religioso, que direi mais? Se são precisos novos milagres, eis alguns, entre muitos outros.[7]

Na primeira fila dos homens mais respeitáveis e mais sábios da sábia Espanha figura o ilustre arcebispo de Tarragona, dom Antônio Agostinho. Numa de suas notáveis obras, o grave prelado exprime-se nestes termos:

> *Na Espanha, no reino de Aragão, numa pequena aldeia situada às margens do Ebro e chamada em espanhol Viliglia, temos um sino que toca sozinho à aproximação de algum acontecimento importante. Foi assim que anunciou o saque de Roma, sob Clemente VII, em 1527; depois a peste que devastou a*

> *Espanha em 1564.*[8]

> *É preciso acrescentar — continua Angelo Rocca — que o doutor Pedro Garcias, cônego e outrora reitor da igreja onde se acha esse sino que toca por si mesmo, está hoje em Roma, onde escrevo, no ano do Senhor de 1609, e me afirma por escrito e sob a fé de juramento que, durante o seu reitorado, isto é, em 1601, esse sino tocara sozinho, em diferentes intervalos, desde 13 de junho até 30 do mesmo mês; que quatro mil pessoas haviam acorrido para ser testemunhas desse prodígio; e que um grande número de acontecimentos anunciados pelo sino miraculoso tiveram lugar nesse mesmo ano.*[9]

Outro historiador refere o mesmo fato:

> *Esse sino, chamado o sino dos Milagres — campana miraculorum —, toca por si mesmo, vários meses de antecedência, quando algum grande infortúnio deve acontecer à república cristã. Com meus próprios olhos li o testemunho desse fato, escrito pelos tabeliões públicos e revestido da assinatura de uma multidão de testemunhas, sem falar das cartas pelas quais os vice-reis do reino de Aragão dão fé do mesmo prodígio.*[10]

Muitas vezes a Alemanha, a Bélgica, a Flandres e a Itália foram testemunhas dos mesmos milagres. Contento-me em referir o que teve lugar, em Roma, no começo do século XVII. Eis em que termos o conta o bispo de Tagaste, autor contemporâneo e presente em Roma:

> *No domingo, 24 de outubro de 1610, enquanto, conforme as ordens do eminentíssimo Vigário, um tabelião público, acompanhado de outras pessoas, procedia ao reconhecimento de santas relíquias na catacumba que se encontra entre a basílica de São Paulo Fora dos Muros e a basílica de São Sebastião, os sinos da basílica de São Paulo Fora dos Muros puseram-se a tocar por si mesmos.*

> *Esses sinos nunca são tocados senão nas festas solenes ou na chegada do Sumo Pontífice. O abade estava ausente; mas o prior do mosteiro, com alguns de seus religiosos, voltando da igreja de São Sebastião à sua basílica de São Paulo, ouviram, do fundo mesmo da catacumba, o som desses sinos. A esse ruído*

> *inesperado, apressaram o passo, crendo que o Santo Padre chegava.*

> *Chegados à basílica, certificaram-se de que o Sumo Pontífice não viera e de que ninguém pusera em movimento nem tocava os sinos. O fato era certo. Quanto à causa, creu-se piedosamente que os sinos haviam sido postos em movimento por um impulso divino e que tocaram para honrar as santas relíquias.*[11]

Se alguma vez, meu caro Frederico, encontrares algum incrédulo, grande ou pequeno, perguntar-lhe-ás se conhece na história muitos fatos melhor constatados. Qual será a sua resposta? Vou dizer-ta. Zombará e negará. Nisso está toda a sua ciência. Mas lembrar-lhe-ás que zombar não é raciocinar; que negar não é provar;[12] que tolice vem de tolo; que negar sem prova é ser tolo e cometer uma tolice.[13] É assim que lhe acertarás as contas. Mas deixemos os incrédulos; lamentemo-los; rezemos por eles e voltemos ao nosso assunto, não hoje, mas amanhã.

Todo teu.

---

**Notas**

[1] *Hoc etiam non prætereundum puto quod campanas in magna reverentia populus et clerus habere solent; ita ut sacramenta, hoc est juramenta, super eas longe magis quam super evangelia et præstare revereantur et pejerare.* (Sylvest. Girald., In Topograph, hibern. dist. III, c. XXXIII.)

[2] *Campana episcopali benedictione sanctique olei unctione consecratæ sunt, et inter sacra Ecclesiæ vasa connumerantur.* (Bona, Rit. Liturg., lib. I, c. XXII.)

[3] Bolland., 17 de julho.

[4] *Angelo Rocca, lib. I, p. 168.*

[5] *Disquisit. magic.*, liv. IV, c. III, IX, II.

[6] Como te falei muito do sino, creio dever, para satisfazer a tua curiosidade, dizer-te uma palavra do campanário. O primeiro digno desse nome que foi erguido em todo o universo é obra do papa Leão IV, em 850. A um bispo devemos o sino, a um papa o campanário: todas as grandes e belas coisas vêm da Igreja. — *Leo IV, an. 850, campanariam turrim extruxit, quæ omnium prima in orbe terrarum fuit.* (Flav. Blondus, lib. I, *Romæ instauratæ*, n. 56, p. 168.)

[7] Podem ver-se em Ang. Rocca, *De Campanis*, t. I, p. 166.

[8] *De numismat. Dialog.*, VI, p. 193.

[9] T. I, p. 167.

[10] *Cujus rei testimonium per publicos Tabelliones, testibus plurimis adhibitis, hisce oculis egomet legi, præter fidem, quam de eadem re illius regni pro reges suis litteris faciunt.* (Leonard. Vairus, lib. II, c. XIV, De Fascino.)

[11] Leonardo Vairus, *De Campanis*, c. VII, p. 168.

[12] *Plus negaret asinus, quam probaret philosophus.* («Um asno negaria mais do que um filósofo provaria.»)

[13] N. do T.: Jogo de palavras do original: «niaiserie vient de niais» (*niais*, «tolo»). Adaptado.

---

Revision #1
Created 28 November 2026 13:47:32 by Admin
Updated 28 November 2026 13:47:32 by Admin